



XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH

**Apresentação Oral em Simpósio Temático – Antiguidade e Modernidade: Usos do
Passado**

Código do trabalho: 4868854

**A Cleópatra de Mankiewicz (1963):
etnicidade e identidade na representação cinematográfica da
Antiguidade**

Renata Soares de Souza

Universidade Federal de São Paulo – Programa de Pós-Graduação em História

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

Julho de 2015

A Cleópatra de Mankiewicz (1963): etnicidade e identidade na representação cinematográfica da Antiguidade

Introdução

Para Martin Bernal, os Estudos Clássicos foram importantes na afirmação da superioridade da cultura ocidental. O discurso legitimador da supremacia europeia, fundamentado em elementos da pseudociência, valendo-se de meios tendenciosos como a frenologia e a craniologia, foi um decisivo instrumento do imperialismo europeu no século XIX.

As representações contemporâneas, no entanto, permanecem, em grande medida, influenciadas pelo discurso eurocêntrico. Nesse sentido, a representação do Antigo Egito e de Cleópatra envolve um debate étnico e estético que, embora tenha raízes no passado, é bastante atual.

A tentativa de encontrar as raízes clássicas do Ocidente, no século XIX, possibilitou que a História garantisse legitimidade a um dito “papel civilizador” da Europa que, em processo de expansão, pôde subjugar civilizações e culturas. Sob essa ótica foi refutado o Modelo Antigo, o qual admitia que a Grécia fora habitada por grupos primitivos e, posteriormente teria sido colonizada por fenícios e egípcios. Essa influência poderia ser verificada no estudo lingüístico do grego, no qual se percebe elementos do alfabeto fenício e nas técnicas de irrigação e elementos culturais, como o nome de rituais e divindades, que remontam ao Egito Antigo.

Em oposição, investiu-se no Modelo Ariano, o qual atribuía o desenvolvimento grego na Antiguidade ao contato com povos do norte.¹ Essa teoria, estritamente conectada aos discursos eurocêntricos de superioridade caucasiana, fomentou teorias de exclusão racial. O parâmetro para medir o progresso e a cultura de um povo, fundamentava-se como o Ocidente.²

¹ BERNAL, Martin. A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia. Tradução de Fábio Adriano Hering. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org.). *Repensando o Mundo Antigo*. IFCH/UNICAMP, 2003, p.9-29.

² *Idem*.

Sob a premissa do Modelo Ariano, era possível relegar ao passado clássico o princípio da desigualdade inter-racial, o que legitimava politicamente as investidas imperialistas. É reforçada, então, a ideia de dualidade entre Oriente e Ocidente, que tem raízes na Antiguidade, mas foi também consolidada na modernidade, e envolve questões de identidade alteridade. Para Homi Bhabha, a identidade pode ser construída a partir da distinção com o outro, que não pertence a esse grupo.³

Já Stuart Hall, sob a ótica pós-colonial, compreende que a identidade é dinâmica, fluida e mutável, e não necessariamente excludente. A complexidade dos sistemas culturais contemporâneos justifica a identificação dos indivíduos por inúmeros elementos. Não apenas a nação, a raça ou a crença são elementos decisivos na constituição de uma identidade. Além disso, um indivíduo pode pertencer a diferentes grupos.⁴

Entre a busca das origens da rainha nos registros clássicos e o olhar contemporâneo acerca de Cleópatra, a o conceito de identidade pode ser bastante explorado. Como símbolo do Egito, mas também, como ideal estético e racial na atualidade, a rainha envolve-se com a identidade na pós-modernidade. Para a especialista em Estudos Culturais Ella Shohat, Cleópatra conecta o passado ao presente. As inúmeras apropriações da imagem da rainha no Ocidente podem reforçar ou contestar estereótipos, preconceitos e paradigmas.⁵

Cleópatra e o Cinema

O estudo da produção cinematográfica possibilita a análise de elementos contemporâneos à feitura do filme, além de revelar uma perspectiva do presente acerca do passado. Há muitas produções cinematográficas ocidentais cuja temática é Cleópatra e o Egito Antigo. Grande parte destas produções mescla elementos da vida da rainha relatados em textos clássicos e cenas míticas advindas da arte, da literatura e da cultura ocidental. Além da influência da cultura e do senso comum, filmes sobre Cleópatra, não

³ BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro, Ed: DP&A, 2005.

⁵ SHOHAT, Ella. *Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade*. CADERNOS PAGU (23), julho-dezembro de 2004.

raro, tratam-se de produções grandiosas e dispendiosas.⁶ Em sua grande maioria, os filmes também suscitam escândalos, mistérios e têm uma ampla cobertura da mídia.⁷

A produção dirigida por Joseph L. Mankiewicz foi exaustivamente explorada pela mídia. O roteiro foi fortemente influenciado por obras da Antiguidade, como *Vida de Antônio*, de Plutarco, e também pela literatura contemporânea. De fato, o livro *A vida e a época de Cleópatra* (*The Life and times of Cleopatra* – 1957) de Carlo-Maria Franzero é tido como a principal influência literária.⁸

Cleópatra (1963) pode ser considerado um filme de autor, ou seja, cuja direção é reconhecível a partir de elementos que se destacam nas produções do direto, no caso, Joseph L. Mankiewicz. Como exemplo menciona-se o ritmo lento da narrativa, a predição por planos internos e a nudez velada. Inicialmente a produção resultaria em dois filmes, o primeiro abordaria somente a relação entre Cleópatra e Júlio César, enquanto o segundo exploraria sua relação com Marco Antônio. Na versão final, há um descompasso entre o estilo de comédia sofisticada da primeira parte e o teor dramático da segunda. Para Jean-Marcel Humbert o intuito do diretor de criar uma produção mais intimista indo de encontro aos filmes épicos tradicionais e suas grandes cenas de batalha.⁹ Um exceção, nesse sentido, é a cena da chegada da rainha a Roma com seu filho Cesário.

O filme consiste em registro do passado que pode ser analisado pelo historiador sob vários aspectos. A utilização da produção cinematográfica hollywoodiana permite perceber aspectos que envolvem a política e a cultura, além da perspectiva acerca do passado, no caso O Egito Antigo. Como indústria, Hollywood, e a cultura que envolve, apresenta um discurso consonante com a perspectiva eurocêntrica.¹⁰

Para Marc Ferro, o filme pode apresentar aspectos da cultura e da sociedade em que o filme foi produzido, muito mais do que aquilo que é intencionalmente representado nas telas de cinema.¹¹ Além disso, envolve elementos que não podem ser

⁶ Ver: SOUZA, R. S. . *Cleópatra e o cinema hollywoodiano na primeira metade do século XX*. Revista Mundo Antigo, v. 3, p. 99-119, 2014.

⁷ FORD, Elizabeth. *Royal Portraits in Hollywood: Filming the Lives of Queens*. University Press of Kentucky, 2006. p.71-126.

⁸ *Idem*.

⁹ Humbert. 289.

¹⁰ SHOHAT. *Op. Cit.* p.152.

¹¹ FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e terra, 1992. p.190.

discutidos a partir dos registros escritos, constituindo, portanto, numa fonte diferenciada ao historiador.¹²

O documento fílmico e, o cinema em si, possuem meios de despertar a atenção e emoção pública. Além disso, devido à grande distribuição e veiculação do cinema hollywoodiano, é um importante difusor da história pública, ainda que as produções não tenham essa finalidade nem respaldo historiográfico em sua composição.¹³

Podem-se problematizar os filmes sobre Cleópatra como as apropriações feitas na prática da egiptomania.¹⁴ Inúmeros elementos são então utilizados para compor ou perpetuar o imaginário ocidental e sua imagem sobre a rainha e o Egito Antigo.¹⁵ Para com Shohat, selecionar uma atriz como Elizabeth Taylor para interpretar Cleópatra, é se posicionar no amplo debate acerca da sua ascendência, conferindo-lhe traços ocidentais e afirmando as origens gregas da sua dinastia e negar a possibilidade de que ela possuísse traços orientais e africanos.¹⁶ Concomitantemente, relacionar uma imagem de Egito exótico, luxuoso e sedutor a uma rainha de forma a enaltecer sua beleza, é também afirmar padrões eurocêntricos de beleza e raça.

Como também aponta Shohat, nota-se que no cinema as disputas pós-coloniais, as lutas nacionalistas e a busca pela identidade de países da África e do Oriente é pouco apresentada.¹⁷ É possível ressaltar que essa conjuntura é perceptível nos filmes sobre a Antiguidade, como em *Cleópatra* de Mankiewicz e que no século XXI tem ganhado maior visibilidade o cinema independente que expõe a realidade pós-colonial de países como o Egito. Contudo, não raro, os filmes que envolvem a temática da Antiguidade tendem a se valer muito mais de elementos místicos e fantasiosos do que recorrer a questionamentos contemporâneos. Assim, para Shohat, legitimam-se manobras geopolíticas ocidentais e se reforçam estereótipos acerca do Oriente. É preciso discutir como a representação e o debate sobre as origens de Cleópatra estão atrelados a reivindicações identitárias na modernidade.

¹² *Idem*. p.45.

¹³ Por “História Pública” entende-se o conjunto de noções que permeiam o senso comum ou uma perspectiva que não está atrelada à academia. ROSENSTONE, Robert. A. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p.27-55.

¹⁴ De acordo com Jean Marcel Humbert, egiptomania consiste no empréstimo de elementos que são trazidos ao presente por um sem fim de usos (cópia e recriação de formas). HUMBERT. J-M. *La passion de l'Égypte : de la fascination à l'évocation égyptes. Histoires & Cultures*, v. 3, 1993.

¹⁵ HUGHES-HALLET, Lucy. *Cleópatra: histórias, sonhos e distorções*. Tradução de Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005. p13-23.

¹⁶ SHOHAT, Ella. *Op. Cit.* p.32, 2004.

¹⁷ *Idem* p.15.

Para Edward Said, a perspectiva ocidental prevê um Oriente antigo próximo mistificado e misterioso.¹⁸ Essa construção relaciona-se com uma política imperialista de dominação e exploração. Para Shohat, é impossível desconsiderar o hibridismo entre Grécia, Egito e Macedônia. “No discurso colonialista, metáforas, tropos e alegorias desempenharam um papel constitutivo na figuração da superioridade europeia.”¹⁹ Nesse sentido, a questão racial é relacionada a noções de etnia e nacionalidade. Situar Cleópatra em um discurso eurocêntrico deve ser problematizado e demarca as tendências totalizantes e essencialistas que compõem sua imagem projetada no cinema americano.

Cleópatra e os Registros do Passado

No que se referem aos discursos da Antiguidade, os registros sobre a rainha inserem-se na propaganda difamatória de Cleópatra e Marco Antônio, promovida por Otávio e iniciada dois anos antes da batalha de Ácio, em 30 a.C. Seu intuito, para se fortalecer no poder, é, em certa medida, restaurar as virtudes romanas, cujo ideário baseia-se valorização do gênero masculino.²⁰ Concomitantemente, afirma uma visão estereotipada do estrangeiro em si, no caso, do Egito, personificado na figura de Cleópatra. Classificar a rainha e seu país como incivilizados e libidinosos e, portanto, inferiores a Roma é, também, declarar a superioridade ocidental.²¹

A campanha difamatória é bem sucedida porque sistemática na sua crítica: Otávio reitera aspectos já presentes na percepção do Egito como a religião (cujo panteão zoomorfizado era mal visto), a indumentária, as tradições, para reforçar as diferenças entre Egito e Roma, o que coaduna com uma tradição de superioridade ocidental pautada na feminilização e, conseqüente fragilização do Oriente.²² Muitos autores fazem referência a esse fato, dentre os discursos mais difundidos encontram-se os de Plutarco,

¹⁸ SAID, Edward. Introdução In: *O orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

¹⁹ SHOHAT, Ella. *Op. Cit.* p. 25.

²⁰ FRANÇA, Tiago. VENTURINI, Renata Lopes Biazoto. *Um estudo sobre “A vida dos doze Césares” de Suetônio*. VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais. O conhecimento do Homem e da Natureza nos Clássicos.

²¹ *Idem.*

²² HUGHES-HALLET, *Op. Cit.* p.291 – 323.

Suetônio, Díon Cássio, Tito Lívio, Virgílio, Flávio Josefo, Cícero, Horácio, Propércio, Lucano, entre outros.²³

Em um templo dedicado à deusa Hator, em Dendera, os relevos mostram Cleópatra e seu filho Cesário como divindades.²⁴ Cleópatra buscou associar-se à deusa Ísis, intitulado-se “Nova Ísis” ou “Filha de Ísis” em alusão ao mito cosmogônico da cidade de Heliópolis, formada pela união da deusa Ísis e Osíris, seu irmão.²⁵ A deusa Ísis começou a ser cultuada pelos gregos no século III a.C. quando um santuário foi construído em Alexandria. Esse processo frente a uma sociedade multicultural está inserido na política ptolomaica de legitimação do poder.

Na cultura material encontram-se moedas com a efígie da rainha e a legenda grega *Kleopatras basilissés*, (moeda) da rainha Cleópatra. A série de tetradracmas (moeda equivalente a quatro dracmas) foi cunhada em Áscalon, na Palestina, por volta de 50-49 a.C., no segundo ano de reinado Cleópatra, então com vinte anos. A data da comemoração seria correspondente à festa de Ísis.

Figura 1 - Cleópatra em tetradracma cunhado em Áscalon, Palestina, por volta de 50 a.C.



Fonte: <http://cpantiguidade.wordpress.com/2012/03/27/o-rosto-de-cleopatra/>

Os cabelos trançados presos num pequeno coque e cachos sobre a testa, penteado já utilizados no século III a.C. por Berenice I e Arsínoe II, sustentam o

²³ MENZ, Cäsar. Et. Al. *Cléopâtre dans le miroir de l'art occidental*. Genève : Muséé d'art et d'histoire, 2004. p.391.

²⁴HUGHES-HALLET, Lucy. *Cleópatra: histórias, sonhos e distorções*. Tradução de Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.137-138.

²⁵LESKO, Leonard. H. Cosmogonias e Cosmologia do Egito Antigo. In: SHAFER, Byron E. (org.). *As religiões no Egito antigo – deuses, mitos e rituais domésticos*. Tradução de Luis S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p.108 – 148.

diadema, uma espécie de coroa, comum artefato da realeza helenística.²⁶ As moedas mostram uma Cleópatra que, em consenso com o discurso de Plutarco, poderia ser dotada de graça e simpatia, e não propriamente de uma beleza incomparável.²⁷

No romance *A history of nose*²⁸, Lord Bernes explora a ideia do nariz da rainha como foco principal do romance. Segundo Anatole France, é impossível aceitar que Júlio César tenha se esquecido de comandar o império por causa de um nariz monstruoso.²⁹ São plausíveis duas possibilidades de associação de Cleópatra e César a deuses, num dinâmico sincretismo religioso remetem tanto a Afrodite e Eros, deuses de origem grega e cultuados em Roma, quanto a Ísis e Hórus, divindades egípcias.³⁰

À semelhança das moedas, encontraram-se inúmeras peças como uma cabeça de mármore, hoje museu de Berlim, e outra, com o nariz quebrado, encontrada em 1790 em Roma. Há também a estátua que, a mando de Júlio César foi colocada no tempo de Vênus Genetrix, hoje no museu do Capitólio em Roma, e que mostra Cleópatra como uma divindade.³¹ A representação remete à deusa Vênus saindo de seu banho e prendendo seus cabelos. Aos pés da estátua uma caixa, possivelmente de cosméticos. Sobre a caixa, um vaso de gargalo lotiforme, característico do período ptolomaico. A imagem de uma serpente remete à deusa Ísis e ao *uraeus* egípcio (serpente faraônica).³²

Devido ao limite das peças, não se pode considerar que a representem incontestavelmente. No caso das moedas, é preciso considerar sua pequenez, na qual reside a carência de detalhes; o processo de produção, do qual pouco se sabe da autoria e meios de manufatura; o estado de conservação e o desgaste natural que dificultam a análise. Ainda que imagem seja dedicada a Cleópatra, dificilmente ela teria servido de modelo para todas as peças produzidas. Sendo assim, é problemático considerar que alguma representação, contemporânea ou não, possa, ser de fato, “fiel” à sua verdadeira imagem.³³

Sua caracterização como divina nos permite apontar que, independente de sua aparência, Cleópatra buscava relegar à história a autenticidade de seu poder como

²⁶ SCHWENTZEL, Christian-Georges. *Cleópatra*. Porto Alegre: L&PM, 2009. p. 73-89.

²⁷ HUGHES-HALLET, Lucy. *Op. Cit.*, 2005.

²⁸ BERNERS, Lord. *The Romance of a Nose*. Londres: Constable, 1941.

²⁹ FRANCE, Anatole. Prefácio a Cleópatra, de Théophile Gautier, Paris, 1899.

³⁰ SCHWENTZEL, Christian-Georges. *Op. Cit.*, 2009.

³¹ *Idem.*

³² *Idem.*

³³ CAMPAGNOTO, Matteo. *La monnaie conserve les traits de Cléopâtre*. In : MENZ, César. Et. Al. *Cléopâtre dans le miroir de l'art occidental*. Genève : Musée d'art et d'histoire, 2004. p.21-23.

governante. A identificação com a deusa Ísis ou como a herdeira do trono de Alexandre, o Grande, também demonstram um posicionamento político. O Egito de Cleópatra, ainda que uma rica nação, vivia o enfraquecimento do poder dinástico do faraó o qual governava sob a tutela de Roma. Frente ao seu povo, no entanto, ela era soberana e, por isso, solidificar essa imagem e garantir alianças vantajosas com os homens de poder em Roma, Júlio César, Marco Antônio e Otávio, se mostraria decisivo na vida de Cleópatra.

Embora os registros clássicos não possam confirmar categoricamente sua ascendência e definir seus traços, o imaginário constituído em torno da emblemática figura de Cleópatra, passível de análise através das inúmeras representações que se fez dela, coadunam com padrões e ideologias.³⁴ Fosse ela bela ou não, a incerteza oriunda da falta de comprovação deu margem a interpretações. As representações cinematográficas da rainha sempre estão atreladas a um ideal de beleza.

Referências Bibliográficas

- ARCINIEGA, Alberto Prieto. *Cleopatra En La Ficción: El Cine*. Barcelona: Universidade de Salamanca, 2000.
- BAGNALL, Roger. *S. Hellenistic and Roman Egypt: Sources and Approaches*. Hampshire: Ashgate Variorum, 2006.
- BAKOS, Margaret Marchiori. BALTHAZAR, Gregory da Silva. Encontro de tempos: a rainha Cleópatra no limiar da Ciência e da Imaginação. *Revista Historiador Especial Número 01. Ano 03. Julho de 2010*.
- BAKOS, Margaret Marchiori. O Egito antigo na fronteira entre a ciência e a imaginação. In: *Fronteiras e etnicidade no mundo antigo.*, 2005, Pelotas. *Anais do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*. Pelotas : Ed. e Gráfica Universitária, 2003.
- BALTHAZAR, G. S. ; SILVA, M. A. O. Sexualidade e Poder em Plutarco: O Exemplo de Cleópatra. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 9, 2010, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 9. Florianópolis : UFSC, 2010*.
- BERNAL, Martin. A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia. Tradução de Fábio Adriano Hering. In: BHABHA, Homí K. *O Local da Cultura*. Trad: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CAPELATO, Maria Helena et al. *História e cinema*. São Paulo: Alameda, 2007.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. *Estudos Avançados*, São Paulo, 5, 11, pp. 173-191, jan./abr., 1991.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e terra, 1992. p.190.
- FORD, Elizabeth. *Royal Portraits in Hollywood: Filming the Lives of Queens*. University Press of Kentucky, 2006. p.71-126.

³⁴ HUGHES-HALLET. *Op. Cit.* p13-23.

- FRANÇA, Tiago. VENTURINI, Renata Lopes Biazoto. *Um estudo sobre "A vida dos doze Césares" de Suetônio*. VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais. O conhecimento do Homem e da Natureza nos Clássicos.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org.). *Repensando o Mundo Antigo*. IFCH/UNICAMP, 2003, p.9-29.
- FUNARI, Raquel. *Imagens do Antigo Egito*. Campinas: PPGH/UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 2004.
- GRIMAL, Nicolas. *Histoire de l'Égypte ancienne*. Paris: Fayard, 1988.
- GUARINELLO, N.L. *Imperialismo Greco-Romano*. São Paulo, Ática, 1987.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro, Ed: DP&A, 2005.
- HOUBLER, Dorothy & HOUBLER, Tomas. *Cleópatra*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- HUGHES-HALLET, Lucy. *Cleópatra: histórias, sonhos e distorções*. Tradução de Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005. p.288.
- HUMBERT. Jean-Marcel. *La passion de l'Égypte : de la fascination à l'évocation égyptes. Histoires & Cultures*, v. 3, 1993.
- LESKO, Leonard. H. *Cosmogonias e Cosmologia do Egito Antigo*. In: SHAFER, Byron E. (org.). *As religiões no Egito antigo – deuses, mitos e rituais domésticos*. Tradução de Luis S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- LEVEQUE, Pierre. *O Mundo Helenístico*. Lisboa: Edições 70. 1987.
- MASCARELLO, Fernando. *História do cinema mundial*. Campinas: Papyrus, 2009.
- MENZ, Cäsar. Et. Al. *Cleópâtre dans le miroir de l'art occidental*. Genève : Musée d'art et d'histoire, 2004.
- MOYER, Ian S. *Egypt and the the limits of Hellenism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- PLUTARQUE. *Vies*. Texte établi et traduit par Robert Flacelière et Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1975. v. 237. 222, 222, [223]-292.
- _____. *Vies*. Texte établi et traduit par Robert Flacelière et Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1977. v. 247. 190, 190, [191]-231.
- ROSENSTONE, Robert. A. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- _____. *O orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- SCHWENTZEL, Christian-Georges. *Cleópatra*. Porto Alegre: L&PM, 2009. p. 73-89.
- SHOHAT, Ella. *Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade*. CADERNOS PAGU (23), julho-dezembro de 2004.
- SILVA, Glaydson José. SOUZA, Sauloéber Tarsio. *Tróia e a Guerra de Tróia: Releituras da Ilíada de Homero*. In: RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; CARVALHO, Carlos Henrique de; SOUZA, Sauloéber Tarsio de (orgs.). *Cinema e Ensino de História da Educação*. Campinas: Alínea, 2013.
- SOUZA, R. S. . *Cleópatra e o cinema hollywoodiano na primeira metade do século XX*. Revista Mundo Antigo, v. 3, p. 99-119, 2014.
- SUÉTONE. *Histoire Auguste*. Texte établi, traduit et commenté par J.-P. Callu, A. Gaden et O. Desbordes. Paris: Les Belles Lettres, 2002. v. 305. ciii, 88, 88, [89]-176.
- SUÉTONE. *Vies des douze Césars*. Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1931. v. 67. 1, 149, 149.



TRINDADE, D. J. (Org.). *Imaginários de Cinema*. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.